

“Um pedacinho de outrora...”: memória de trabalhadores da Vila Fabril em Anápolis, Goiás (1950 – 1970)

GENILDA D’ARC BERNARDES

Doutora em Sociologia pela Universidade de Brasília
Professora do Programa de Pós-Graduação em Sociedade, Tecnologia e Meio Ambiente –
Centro Universitário de Anápolis, Goiás, Brasil
genilda@hotmail.com

GIOVANA GALVÃO TAVARES

Doutora em Ciências pela Universidade Estadual de Campinas
Professora do Programa de Pós-Graduação em Sociedade, Tecnologia e Meio Ambiente –
Centro Universitário de Anápolis, Goiás, Brasil
gio.tavares@gmail.com

JÚLIA BUENO DE MORAIS SILVA

Doutora em História pela Universidade de Brasília
Universidade Estadual de Goiás, Brasil
juliabueno44@hotmail.com

SANDRO DUTRA E SILVA

Doutor em História Social pela Universidade de Brasília
Professor do Programa de Pós-Graduação em Territórios e Expressões Culturais do Cerrado
da Universidade Estadual de Goiás, Brasil
sandrodutr@hotmail.com

Resumo

O estudo foca as experiências das vilas fabris no Brasil, e a reconstrução da história da Vila Fabril de Anápolis/Goiás, nas décadas de 1950 a 1970. Objetiva apresentar indícios da história da industrialização no Brasil, com enfoque nas experiências industriais e no cotidiano da vila de operários em Anápolis. Essa história nos remete às experiências regionais e do Brasil no âmbito da eclosão da industrialização, da organização sindical, e do processo de urbanização e industrialização do interior do País. Em Anápolis, a Vila Fabril inicia-se com o Frigorífico Goiás, receptora das fábricas de cerâmicas e olarias, e abastecimento de carne (charque), que nos anos de 1950 e 1960 atendiam às necessidades de construção civil em Goiânia e Distrito Federal. Investiga, ainda, o seu declínio econômico e as políticas públicas que proporcionaram a criação do Distrito Agro-Industrial de Anápolis (DAIA). Utilizamos como fontes de investigação os registros fotográficos, relatos orais e outras bases documentais. As imagens e os registros memorialistas foram entendidos como portadores de significados e de simbolismo, motivadores para estruturar e reconstituir a memória do lugar e o registro de suas paisagens.

Palavras-Chave: Memória, Cotidiano, Lugar, Vila Fabril, Industrialização.

1. Introdução

AOVASCULHAR OS ACERVOS das instituições culturais da cidade de Anápolis, especialmente o do Museu Histórico de Anápolis “Aldérico Borges de Carvalho”¹, percebeu-se a riqueza de informações ali contidas – objetos, documentos e, principalmente, imagens fotográficas, com potencial de revelar o cotidiano da cidade. Esta última nos chamou atenção por serem imagens históricas que contam, quando analisadas, as transformações paisagísticas da cidade, desde a primeira década do século XX até aproximadamente a década de 1980². Mas as imagens não são as únicas fontes de lembranças que nos contam acerca do passado da cidade, há também seus residentes que vivenciaram parte de sua “história escondida”. Eles ou também como podemos chamá-los de “personagens escondidos”, guardam em suas lembranças pedacinhos de outrora que dão significado ao espaço urbano atualmente produzido e/ou ressignificado. São “personagens escondidos”, cujos espaços constituem territórios de experiências pessoal e coletiva das primeiras indústrias e moradias operárias em Goiás. Traços que deixaram os indivíduos às voltas com seu destino, seu tempo e singularidades. (Ginzburg, 1989).

As observações a essas duas fontes – fotografias e oralidades – (Ciavatta, 2002), nos instigaram a pensar sobre as produções científicas do espaço urbano anapolino, e ao fazê-lo percebeu-se que ainda há muito trabalho para ser feito acerca dos estudos do espaço urbano desse município. Cidade dos rincões de Goiás e que hoje se apresenta na modernidade das universidades que além de produzir conhecimento cumpre o papel civilizatório no entroncamento entre as cidades capitais Brasília (Distrito Federal) e Goiânia (Goiás), –s ambas as cidades podem ser consideradas pólo da região Centro Oeste; na presença do moderno pólo industrial, fundado na década de 1970, o Distrito Agrário Industrial de Anápolis (DAIA), no qual a indústria farmacêutica constitui referência nacional farmacêutica, destacando-se ao lado da montadora automobilística da Hyundai, entre outros.

O uso e análise da imagem fotográfica e relatos orais para recuperar a história do cotidiano presente na memória dos informantes levou-nos a Ribeiro (1994).

A autora pesquisou a história do Brás em São Paulo com ênfase na leitura de fotografias que registram a materialidade das relações cotidianas, das lembranças e do imaginário, expressos em depoimentos, para ela

a ênfase dada a fotografia e aos desdobramentos que ela possibilita no momento em que é interpretada tem importância crucial para o informante e para o pesquisador. Ela carrega e motiva, desde sua gênese até o ato da leitura, informações que remetem à constituição histórica do cotidiano (Ribeiro, 1994, p.16).

As imagens foram aqui entendidas como portadoras de significados e de simbolismo, sendo utilizadas como conteúdo motivador tanto para estruturar a entrevista na reconstituição da memória do lugar como também registro de uma paisagem, pois se compreende que as imagens fotográficas retratam as manifestações sociais, políticas e culturais de uma determinada época.

Referência importante é conferida ao se registrar as memórias dos migrantes italianos no Brás, pois, percebe-se o que são reconstituídos, via imagem fotográfica dos álbuns de família, são as faces mais glamorosas da vivência desses sujeitos em São Paulo: festas, a família na praia aos finais de semana, a religiosidade, as fotos de família, tiradas para envio aos familiares que ficaram na Itália, as quais os estúdios fotográficos disponibilizavam roupas “de festa”, chapéus e sombrinhas permitindo dessa forma registrar a prosperidade alcançada no Brasil. Em seus álbuns dificilmente encontrava imagens da sua vivência no mundo trabalho e dos cortiços em que moravam, da precariedade do bairro no início dos anos de 1900.

Nesse relato chama-se atenção para o paradoxo entre memória e esquecimento. Ou seja, entre o que se quer lembrar e o que quer ser esquecido, apagado, muito comum nas políticas culturais planejadas para a exaltação de evento como o holocausto e o monumento aos judeus assassinados na Europa, em Berlin, abordado por Huyssen (2014), apenas para exemplificar. Para o autor:

O esquecimento é descrito como uma falha da memória, um interregno, como um complemento inevitável de um momento que não se quer lembrar. O esquecimento aparece, na melhor das hipóteses, uma deficiência, uma falta a ser suprida, e não como fenômeno de

1 O Museu Histórico de Anápolis foi instalado pela portaria nº 261 de 24/09/1971 e teve o professor Jan Magalinski como seu primeiro diretor. No ano mencionado a instituição teve como missão a constituição do acervo, organização de exposição, realização de cursos, promoção de reuniões culturais e publicação do Jornal do Museu. Em 1973 através da Lei n. 390 de 27 de junho do ano citado o Museu foi considerado de utilidade pública e se constituiu num espaço de resgate da memória local e da preservação cultural da cidade de Anápolis. Em 26/07/1975 o Museu foi aberto a comunidade anapolina. Hoje, a Instituição tem por função social e cultural desenvolver pesquisas e projetos de pesquisas; técnicas, recursos e ações educativas, bem como publicações (Cf. Chiarotti, 2009).

2 As imagens fotográficas em exposição no Museu Histórico registram a cidade de Anápolis do final do século XIX, e todo o século XX. Propriamente a visualização de manifestações, objetos, personagens, arquitetura, festividades entre outros que contam a história do lugar.

múltiplas camadas que serve como a própria condição da possibilidade da memória. (Huyssen, 2014, p. 155).

Capistrano ao apresentar as reflexões de Huyssen (2014) tece considerações relevantes sobre as políticas culturais, nos países ocidentais, nas últimas três décadas, que apontam para o apreço exacerbado do uso da memória em detrimento do presente, cujas práticas tendem a inibir o presente, dificultando, inclusive, os caminhos culturais futuros numa dificuldade de se lidar com temporalidades. Entretanto, o seu esforço interpretativo volta-se para a problematização da percepção das “estruturas das temporalidades vividas” na sociedade moderna ou pós-industrial. Para tanto, centra-se em experiências culturais de países eleitos, que ao seu modo denomina de “geografias alternativas do modernismo”, como América Latina, Ásia e África numa tentativa de driblar e ao mesmo tempo dialogar com a globalização cultural massiva, que assolam as sociedades contemporâneas no contexto das políticas culturais e estéticas. Ou seja, a memória, na sua possibilidade de ensejar espaços de esquecimento.

Huyssen (2014) se opõe aos teóricos Platão, Descartes, Heidegger, Derrida e Umberto Eco que, baseado na semiótica negava a existência de um arte do esquecimento ao modo da arte da memória, ou o considera de forma canhestra como “complemento da memória”³. Para ele, Adorno aponta que ao se homogeneizar ou, distanciar mercadoria de esquecimento dificulta os debates sobre a memória.

As reflexões dos autores citados abordam temporalidades mais amplas e transnacionais dos recursos da memória e do esquecimento, portanto, de grande envergadura histórica. Acredita-se que, embora a abordagem da presente pesquisa se configure localmente as ponderações alocadas, iluminam a adoção da memória/e ou esquecimento de sujeitos coletivos ou de registros de imagens na apreensão histórica de espaços urbanos.

Com igual atenção os estudos de Ricoeur (2008), também se posicionam favorável à concepção que existe uma valorização da memória em detrimento do esquecimento. Para o autor “[...] falamos em dever de lembrar, mas nunca num dever de esquecer” (Huyssen, 2014).

Os estudos Ricoeur (2008) sobre memória, história e esquecimento contribuem sobremaneira para o debate de memória e lembranças, sendo oportuno à reflexão que se propõe a cerca da Vila Fabril como espaço urbano e como experiência de sujeitos que

vivenciaram o cotidiano das primeiras indústrias e um estado agrário.

O referido autor busca reforçar a concepção de memória frente ao esforço de estudiosos críticos ao processo de imaginação no sentido de dissociá-las. “A permanente ameaça da confusão entre rememoração e imaginação [...]” (Ricoeur, 2007), esta constatação reafirma a posição da memória no sentido de que ela refere-se a algo que já aconteceu e que só posteriormente tornou-se lembrança.

O Sociólogo Francês Halbwachs (2004) deixou valiosas contribuições ao debate da memória ao destacá-las como um fenômeno coletivo e social, acrescidas do tempo de vivência e das transformações sociais, de forma que o que é o lembrado passa pelo filtro do tempo, das novas experiências e da imaginação. Ou seja, rememora o espaço urbano vivido com referências das atuais dinâmicas sociais, de modo que certos fatos da memória tornam invariantes vistos as repetições na fala do sujeito. Essa situação se explica pelo fato de

[...] em certo sentido, determinado número de elementos tornam-se realidade, passam a fazer parte da própria essência da pessoa, muito embora outros tantos acontecimentos e fatos possam se modificar em função dos interlocutores, ou função do movimento da fala (Pollak, 1992).

Esta visão corrobora a concepção postulada por Halbwachs (2004) de que a memória é coletiva, de que ela não se resume a datas e nomes, mas se liga a pensamentos e experiências vividas, nos reencontramos o nosso passado.

Posto isto, recorre-se aos entrevistados e aos arquivos públicos e particulares da cidade de Anápolis a fim de agrupar o maior número de imagens que possam nos revelar a memória ou o esquecimento de um bairro que vivencia uma realidade *sui generis* na trama espacial de Anápolis entre as décadas de 1940 a 1970. E, posteriormente, recorre-se ao paradigma indiciário proposto por Ginzburg (1989), no qual está presente a discussão sobre o conceito de totalidade social e a questão metodológica da relação entre o todo e as partes, entre o particular e o universal, são questões fundamentais nas ciências humanas e sociais. O método indiciário dedica-se aos vestígios marginais, aos resíduos considerados reveladores de um universo maior, daí sua importância da imersão na temática desta pesquisa. Conforme Ciavatta (2002, p. 44) “[...] se a compreensão do mundo social não pode ser feita diretamente, deve-se partir de

3 A reflexão sobre o papel da memória para se compreender a produção de mercadorias nas sociedades ou está presente entre os frankfurtianos Adorno e Benjamin. [Para eles o fetichismo da mercadoria (processo de reificação) é uma forma de esquecimento (do trabalhador), ou até mesmo o fetiche do consumo. O filósofo Frances Michel de Foucault, produção de igual tamanho de Adorno e Benjamin, contribui com essa reflexão, principalmente em “Arqueologia do poder”, “As palavras e as Coisas” e “A ordem do discurso”.

pistas que aparecem, para relacioná-la entre si e com os processos mais amplos. Nesse sentido, as fotografias podem fazer parte dos conjuntos de indícios que, agregados as informações de outra natureza”, podem decifrar memórias do lugar que se encontram sob camadas do espaço urbano.

Os relatos orais, outra fonte preciosa para a pesquisa, teve como principal objetivo levar o depoente a olhar para o passado e enxergar sua vida no tempo de sua empreitada laboral no espaço que recebeu o nome de Vila Fabril devido às indústrias existentes ali.

Não se moldou os relatos com perguntas sucessivas, mas buscou-se por meio de fotografias e mapas da sua vivência levá-los de alguma forma a organizarem a memória em suas temporalidades, proporcionando ao entrevistado “um fluir” nos relatos, para que aos poucos fossem direcionados ao contexto ao qual a pesquisa se reporta.

Diante do quadro desenhado, desenvolveu-se o projeto de pesquisa “Memória e lugar: estudo da memória urbana da Vila Fabril/Anápolis/GO (1950 – 1970)” a fim de investigar-se uma parte do espaço urbano de Anápolis. O resultado é, antes e mais nada, a história do cotidiano marcado pela sequência normal de trabalho e descanso de mulheres, homens e crianças, buscando levantar a história da implantação e consolidação do espaço da vila operária, compreendendo as principais razões de sua criação, tendo em vista o papel social e econômico desse lugar para o município de Anápolis. Ao mesmo tempo, evidenciaram-se os personagens que compuseram os “operários” como categoria que contribuiu com a organização do cotidiano dos moradores da vila.

Espera-se que a escrita que ora segue possa, sem grandes pretensões, contribuir para a ampliação dos estudos urbanos sobre vilas operárias no Brasil e sobre a memória urbana da cidade de Anápolis.

2. A formação das vilas operárias de Anápolis

Denominam-se vila operária os conjuntos de casas construídas pelos empresários para moradia de trabalhadores na indústria. As vilas operárias se apresentaram como uma estratégia construída com um propósito de manter o operariado próximo à unidade produtiva (Santos, 2008).

As vilas operárias surgiram no século XVIII na Inglaterra e na Escócia com o nome de vilas modelos e foram “construídas por proprietários [...] que fixaram os seus trabalhadores, oferecendo a eles moradias, escolas, farmácias, hospitais [...]. Além disso, educação dos filhos e ainda um instituto para a formação do caráter dos trabalhadores” (Rancière, 1981; Carpinteiro, 1998, p. 129). No Brasil as vilas operárias foram construídas

primeiramente na década de 1920 nas cidades de São Paulo (Mooca, Brás e Bom Retiro, por exemplo) e Rio de Janeiro. Esses espaços ainda compõem o cenário urbano das cidades brasileiras, pois “não são um capítulo encerrado do passado da criação de meio urbano brasileiro [...]. Perduram na paisagem, marcam a moradia, têm um papel na lógica da urbanização e um sentido nos processos de reajustamento das relações de produção” (Blay, 1985, p.07).

Em Goiás, a primeira vila operária surgiu em Anápolis. Segundo Polonial (2005) a cidade mencionada teve sua origem no século XIX, do uso constante do entroncamento formou-se à freguesia, depois a vila com algumas casas e vendas (armazéns de secos e molhados) e posteriormente a cidade. O lugarejo evoluiu atraindo cada vez mais pessoas e ganhando autonomia política e a demarcação territorial do novo município. Ainda o autor nos conta:

Entre 1870 a 1935, a região do município de Anápolis sofreu profundas mudanças. As poucas moradias existentes, habitadas por escassa população, deram lugar a uma aglomeração humana mais complexa. As casas aperfeiçoaram-se com construções de alvenaria, e a cidade ganhava feições urbanas mais definidas (POLONIAL, 2005).

A partir de 1910, Anápolis iniciou uma nova feição urbana, baseadas nas percepções contraditórias da cidade com ruas que abriram e se estendiam com uma regularidade radiocêntricas, pois todas as ruas convergem ao centro representando pela praça Sant’Ana. As que se abriram para as novas construções passaram a utilizar materiais modernos, o que propiciou a instalação das primeiras olarias, aproveitando-se dos ricos depósitos de argila nos vales da periferia sítio urbano. As possibilidades econômicas apresentadas pelo município transformaram esta parte da região de Goiás em um centro atrativo para aplicação e investimentos de capitais. E a partir dos anos de 1930, especialmente com a chegada da estrada de ferro em 1935, “a cidade passou a sentir e manifestar com maior evidência os efeitos econômicos e sociais da industrialização nascente dos centros mais dinâmicos do país São Paulo e Rio de Janeiro” (Souza, 1974, p.645). Anápolis passou a exercer o papel de entreposto comercial das produções agropecuárias regionais e das manufaturas dos centros produtores nacionais, fato que provocou o aumento considerável da população do município (Freitas, 1995).

Destaca-se que foi na década 1930 que iniciou a instalação das olarias próximas a cidade devido à riqueza do solo em argila que constituem a base para industrialização de telhas e tijolos de barro. A Figura 01 apresenta a localização da área que posteriormente seria denominada de Vila Fabril.

As atividades das olarias instaladas na área da Vila Fabril e na sua margem iniciam junto com outras

Figura 01 – Espaço urbano de Anápolis e localização da Vila Fabril em Anápolis, Goiás.

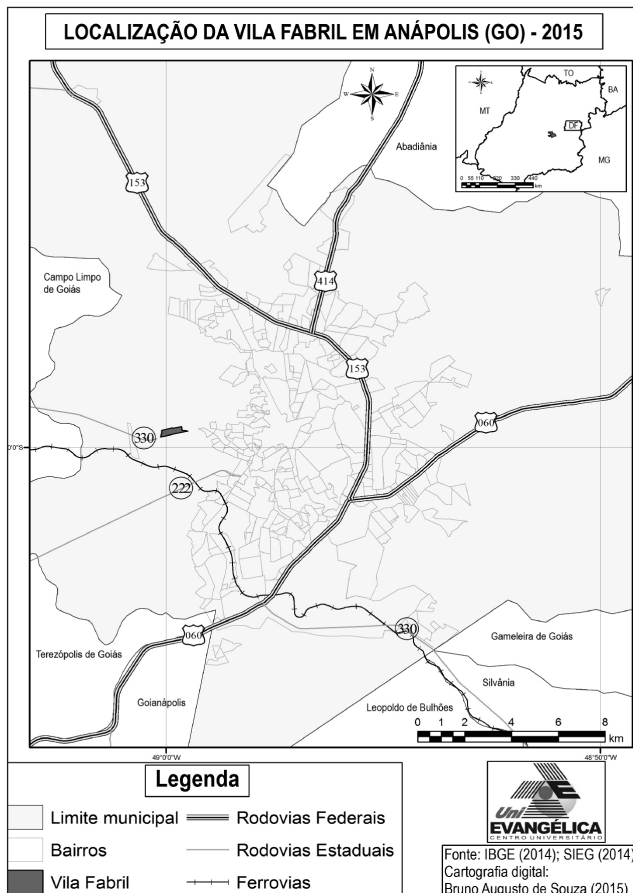
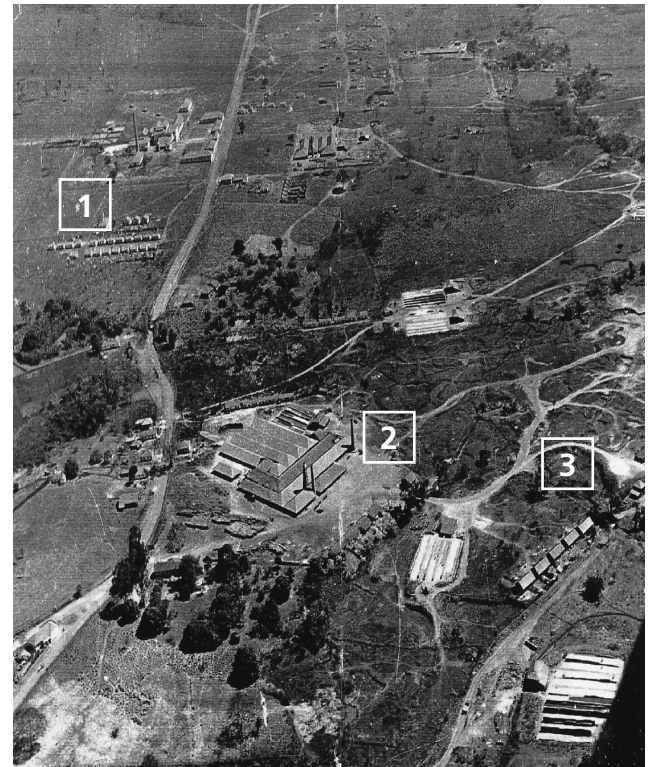


Figura 02 – Fotografia aérea das moradias dos operários localizadas na região da Vila Fabril, Anápolis, Goiás, 1950.



Fonte: Arquivo Pessoal Júlia Bueno

1. Moradias de Trabalhadores do Induspina
2. Moradias de Trabalhadores do Frigorífico
3. Moradias de Trabalhadores das Olarias

atividades que atraíram para cidade vários trabalhadores. Outra empresa instalada na época foi a Frigorífico Goiás. E é nesse cenário de efervescência que impulsionou existência do aglomerado de fábricas na região Oeste da cidade de Anápolis (Figura 02), a saber: a Cerâmica São João fundada em meados dos anos 1930 por Jad Salomão; a Cerâmica São Vicente fundada em 20 de junho 1948 por Vicente Carrijo Mendonça; a Cerâmica Induspina, existente desde a segunda metade da década de 1930, propriedade de Agostinho de Pina; a Cerâmica Mioto fundada em 1947, de propriedade do senhor Guarino Mioto e, ainda a Cerâmica Santa Maria, chamada também de Gboi, nos anos de 1950, pertencente aos primeiros donos do Frigorífico Goiás ali também instalado.

Tal aglomerado proporcionou a criação de conjuntos de moradias para seus operários, ora financiados pelos donos das indústrias, ora pelo próprio operariado (Figura 02). A Vila Operária Fabril se desenvolveu com a instalação do Frigorífico de Goiás (conforme, inicialmente, nomeado pelos moradores), das olarias e das indústrias de Cerâmicas, sendo as pioneiras: Cerâmica São Vicente e Cerâmica Induspina (essa última de

propriedade de Agostinho do Pina), também segundo moradores a Cerâmica Mioto (de Guarino Mioto).

A imagem que segue (Figura 02), feita na década de 1950, é um registro da Vila Fabril, na qual se identifica o Frigorífico, e algumas cerâmicas entre elas a Cerâmica Induspina (Figura 03) pertencente aos irmãos Pina, e as primeiras *colônias*, casas construídas para abrigar os trabalhadores. Segundo entrevista cedida por Manoel Bueno dos operários moradores dessas casas, não era cobrado aluguel ou alguma taxa, e como a área da cerâmica quanto do frigorífico era muito grande alguns operários plantavam arroz e feijão para o sustento da família. Ao perguntar a esse antigo operário que horas ele cuidava da lavoura ele responde “*aos domingos, no dia de descanso. Durante a semana, as mulheres tiravam algumas horas de serviço na roça e nos domingos vamos juntos*” (Silva, 1996).

A Cia Fabril e Comercial de Goiás composta pelo Frigorífico Goiás, Cerâmica GBoi e mais três olarias, deparou-se com a necessidade de construir habitações para funcionários especializados. De acordo com nosso entrevistado J.V. o conjunto começou a ser erguido na década de 1950, sendo concluído pelo frigorífico Bordon⁴ nos anos setenta. Mas anterior às construções

⁴Em 1960 foi criado o Frigorífico Bordon S.A. Em 1965 a empresa adquiriu o complexo industrial do Frigorífico Armour do Brasil, com sede em São Paulo. Em 1970 o Bordon veio e arrendou o Frigorífico de Goiás da Vila Fabril/Anápolis, comprando-o definitivamente por volta de 1973/4.

Figura 03 – Fotografia da Cerâmica Induspina



Fonte: Arquivo fotográfico do Museu histórico de Anápolis "Alderico Borges de Carvalho", sem autor e sem data.

das moradias houve a necessidade de abrigar trabalhadores do Frigorífico Goiás, conforme Boletim da Paróquia São Judas Tadeu (2004 p.8-9): "foi construída uma república para abrigar os funcionários. Esta república passou a ser chamada de pensão. [...] com a grande procura de trabalho vieram para cá muitas famílias por isso foram construídas colônias para os empregados do Frigorífico e das Cerâmicas".

A Cia Fabril e Comercial de Goiás construiu duas vilas para seus operários. O primeiro denominado de Conjunto FRIGOIÁS constituía-se de casas padronizadas, sem esgoto ou água tratada e localizava-se a 200m de distância do frigorífico. A distribuição das residências dava-se por duas ruas, uma na vertical outra na horizontal, formando um "L". Nelas residiam: faqueiros, encarregados e gerentes, etc., que eram considerados mão-de-obra especializada e que vieram de outras cidades do estado de Goiás, ou de outros estados. À frente do frigorífico, conforme depoimento de ex-funcionário J.V., "tinha uma árvore e um comércio onde os trabalhadores tomavam café e, ainda, o único posto de combustível (até hoje existente), e ao lado havia (hoje demolida) a Cerâmica Santa Maria Gboi, e ao seu lado a Colônia das Cerâmicas, onde hoje ainda permanecem alguns dos trabalhadores das cerâmicas e olarias".

A Colônia das Cerâmicas foi formada por poucas casas doadas pelos proprietários da Cerâmica Santa Maria aos seus funcionários. Essas casas, sem padronização, também eram pequena, sem esgoto e sem água tratada. Entre as residências havia duas ruas atravessadas no sentido horizontal e uma na vertical paralela à hoje extinta Cerâmica Gboi.

As imagens das Figuras 04 e 05 apresentam as casas com a mesma padronização, tanto naquelas do Conjunto Friboi, quando naquelas da Cerâmica GBoi. O espaço, no qual foram construídas, apresenta uma área relativamente extensa e com vegetação arbustiva no fundo das moradias. Nas imagens, também, destacam-se a presença de crianças que também fizeram, em sua maioria, parte da mão-de-obra das indústrias ali localizadas. O ar bucólico das imagens nos remete a um

Figura 04 - Fotografia do conjunto Frigoias em Anápolis/Go



Fonte: Arquivo Museu histórico de Anápolis "Alderico Borges de Carvalho", s/autor, s/data.

tempo em que a cidade de Anápolis estava no início de seu processo de criação de indústrias e já recebia as honrarias de cidade industrial.

Ainda nos anos de 1950, próximo aos conjuntos acima mencionados, o Sr. Vicente Carrijo Mendonça, proprietário da Cerâmica São Vicente, loteou parte de sua fazenda Mata Amarelo para a criação da Vila Fabril. O empreendimento foi lançado em 10 de outubro de 1951. Sua intenção era de vender lotes às pessoas que estavam migrando para a cidade de Anápolis, especialmente, para aquelas que vieram para trabalhar no frigorífico, nas indústrias de cerâmicas e demais empresas.

Na época esse empreendimento situava-se na zona rural do município de Anápolis, com distância aproximada de 6 km do centro da cidade, que com o passar do tempo, devido ao processo de expansão urbana do município, se integrava à cidade. São vários os relatos sobre essa prática. Entre eles destaca-se o do trabalhador J. O.:

[...] era mais fácil para eles construírem suas casas ali porque tinham perto deles todos os materiais para construção de suas casas [...]. Assim era comum o trabalhador adquirir lote na Vila, e em alguns casos receber de seus patrões, proprietários das cerâmicas, doações de tijolos entre outros materiais da construção civil. (J.O, 2008)

Carpinteiro (1996) em estudo com publicação mais recente, em termos conceituais, diverge de Santos (1980). Para o autor, as residências das vilas operárias deveriam ser construídas pelos proprietários das empresas e conter toda uma infraestrutura básica de atendimento aos funcionários e sua família (escolas, atendimento médico etc.), além desses princípios, a higienização, racionalização e o embelezamento do espaço era fundamental, portanto, divergindo da forma experimentada em Anápolis.

As moradias dos operários residentes na Vila Fabril, em grande parte, não foram doadas ou construídas pelos patrões, a exemplo das "vilas operárias modelos" criadas na Europa, e daquelas implantadas pelas primeiras

Figura 05 - Colônia das Cerâmicas construídas pela Cia. Fabril e Comercial de Goiás.



Fonte: Arquivo Museu histórico de Anápolis “Alderico Borges de Carvalho”, s/autor, s/data.

indústrias brasileiras de São Paulo, Rio de Janeiro e Salvador. O loteamento feito pelo fazendeiro Vicente Carrijo de Mendonça nos anos 50, o Conjunto Frigoiás e a Colônia das Cerâmicas distanciavam-se um pouco desse contexto não só pela natureza das construções, mas também pela localização rural das mesmas. Essa era prática comum na realidade de Anápolis. Porém, conforme definição de Santos (2008)⁵, esses núcleos habitacionais podem ser consideradas uma experiência de vila operária, pois o objetivo das empresas era o de manter os trabalhadores junto à unidade de produção, embora se localizassem em espaço rural do município,

A vila operária, aqui nomeada como Vila Fabril era um bairro tipicamente de funcionários das empresas ali instaladas. Apesar de pequenas residências eram as moradias construídas pela Cia. Fabril e Comercial de Goiás que se aproximavam do conceito de vila operária, já que foram construídas pelos proprietários das empresas, consolidando em Anápolis duas experiências de vilas operárias: aquelas construídas pela empresa e aquela formada pelo próprio funcionário da empresa, sendo comum o fato de nenhuma delas possuir infraestrutura – escola, atendimento médico-hospitalar, saneamento básico, etc.; para atender as demandas dos operários.

Destarte, que a formação do aqui entendido por nós como complexo de moradias de operário (Conjunto FRIOBOI; Conjunto GBOI; Vila Operária Fabril) proporcionou intensificação da imigração de pessoas vindas de cidades de Goiás e de outros estados brasileiros. Em relatos orais os entrevistados nos contaram que vieram das seguintes cidades: Inhumas, Pires do Rio, Ipameri, Goiânia; todas pertencentes ao estado de Goiás e, ainda, dos estados de São Paulo, Minas Gerais e Bahia, sendo que a primeira leva migratória teve no frigorífico seu principal motivo.

Segundo Polonial (2000) o aumento populacional da cidade de Anápolis deu-se quando da sua transformação

em maior pólo atacadista do Centro-Oeste (1930/1960). Na década de 1950, a população urbana supera a rural, quando 63,55% da população do município moravam na cidade, e 36,45% permaneciam nos distritos e nas propriedades rurais. Período coincidente com a formação das vilas fabris.

À época, intensificou-se o desenvolvimento econômico da região de Anápolis motivado pela construção de Goiânia (capital de Goiás) e Brasília (capital do Brasil), tendo como setores mais dinâmicos os setores terciário e primário, além da experiência industrial, ainda incipiente. Esse desenvolvimento fez com que a cidade se transformasse em grande centro comercial do Centro-Oeste até 1960.

Nas décadas de 1940/1950 formaram-se também outros pequenos complexos industriais na Vila Jaiara com a construção da Companhia Tecelagem Vicunha S/A e no setor Jundiá com predominância de cerealista. A distribuição geográfica desses complexos industriais formava novos espaços urbanos que, de certa forma, configuravam a inexistência de planejamento público para a indústria local. Assim sendo, naquele momento, houve a predominância de três ramos industriais no município de Anápolis: gêneros alimentícios (vegetal e animal), têxtil e de transformação mineral não metálica.

A partir dos anos de 1960 o complexo de moradias operárias e os setores adjacentes se tornaram receptores de diversas outras empresas, fábricas de cerâmicas e olarias. Entretanto, nos anos de 1970 o espaço foi sendo remodelada com forte influência das políticas de planejamento do período da ditadura militar, especificamente a criação de distritos agroindustriais, com fortes objetivos de criar centros industriais em regiões pouco industrializadas e, concentrar em um único espaço o processo de industrialização, com vista ao controle e monitoramento do cotidiano dessa realidade.

Em Anápolis essa política efetivou-se com a criação e implantação do Distrito Agro-Industrial de Anápolis (DAIA). A consolidação do DAIA proporcionou a derrocada das indústrias localizadas às margens das vilas operárias e, conseqüentemente, uma reestruturação do espaço urbano da cidade.

3. O Cotidiano do Operário: mundo do trabalho e mundo da vida.

A reconstituição do cotidiano dos operários da Vila Fabril, ou seja, do conhecimento da vida real destes trabalhadores nos locais de trabalho e extratrabalho se dá pela compreensão da vivência em família, dos

⁵ As vilas operárias são espaços construídos em áreas urbanas e os núcleos fabris em áreas rurais, para melhor entendimento ver Santos, (2008).

modos de vizinhança, dos processos educativos formais e não formalizados, do entrelaçamento de culturas, que ao produzirem um modo de vida produziram representações, idéias que ajudam na compreensão das manifestações de sua consciência social neste momento.

A compreensão adequada do cotidiano como o “*locus*” das relações de produção e a produção da consciência nos remete ao estudo de Heller. Segundo Heller (1980), a vida cotidiana é a vida do homem inteiro: ou seja, o homem participa na vida cotidiana com todos os aspectos de sua individualidade, de sua personalidade, nela colocam-se “em funcionamento” todos os seus sentidos, todas as suas paixões, idéias, “ideologias”. A estudiosa enfatiza o caráter heterogêneo e hierárquico da vida cotidiana. Para ela: a organização do trabalho, e a vida privada, os lazeres e o descanso, a atividade social sistematizada, o intercâmbio e a purificação, são partes orgânicas da vida cotidiana. E obedecem a uma hierarquia que se modifica em função das diferentes estruturas econômicas sociais.

Certeau (1996), seguindo uma linha mais antropológica, define o cotidiano como aquilo que nos pressiona dia a dia, que nos prende ao interior. Em suas palavras:

O cotidiano é aquilo que nos é dado cada dia (ou que nos cabe em partilha), nos pressiona dia após dia, nos oprime, pois existe uma opressão do presente. [...] É um mundo que amamos profundamente, memória olfativa, memória dos lugares da infância, memória do corpo, dos gestos da infância, dos prazeres. (Certeau, 1996, p.31).

A compreensão é de que o homem desde o seu nascimento herda a cotidianidade da humanidade, acumulada historicamente. Ao mesmo tempo em que assimila a manipulação das coisas, assimila as relações sociais, aprende relações comportamentais que o permitem extrapolar sua vivência nos grupos primários, passando a se relacionar na sociedade em geral. Nesse sentido a vida cotidiana constitui o centro do acontecer histórico.

Assim, o cotidiano destes trabalhadores constitui produto da vivência passada em outras localidades e, posteriormente, dado pela formação da Vila Fabril e de sua participação no mundo do trabalho, das quais se edificaram maneiras de pensar, de agir, formas de representações e percepções deste cotidiano.

O mundo do trabalho, se o compreendemos no contexto histórico abordado, se amplia uma vez que não há uma barreira explícita entre ele e o mundo da vida. Ambos, no dia a dia se misturam criando uma fronteira fluída. Nele estão referenciados atividades materiais, produtivas, e os processos de criação cultural que se geram em torno da reprodução da vida. Esta posição desautoriza qualquer simplificação que reduz o mundo do trabalho a uma das suas formas históricas aparente, segundo Ciavatta:

[...] tais como a profissão, o produto do trabalho, as atividades laborais, fora da complexidade das relações sociais que estão na base dessas ações. Apenas enfocando o trabalho na sua particularidade histórica, nas mediações específicas que lhe dão forma e sentido no tempo e no espaço, podemos apreendê-lo ou apreender o mundo do trabalho na sua historicidade, seja como atividade criadora, que anima e enobrece o homem, ou como atividade aviltante, penosa que aliena o ser humano de si mesmo, os demais e dos produtos do trabalho. (Ciavatta, 2002).

Essas referências conceituais induziram o caminho a seguir na pesquisa. Entrevistou-se cerca de vinte sujeitos, entre homens e mulheres, residentes das vilas operárias que vivenciaram o cotidiano das fábricas nos anos de 1950/1970. Nas entrevistas foram abordadas nove categorias distintas: migração (cidade/cidade, campo/cidade); relação de trabalho (operário/operário, operário/padrão); lazer; relação trabalhista (CLT, trabalho infantil e gênero); educação; família; demissão e admissão; formas de organização no mundo do trabalho e na vida e, por último, migração internacional. Neste artigo focaram-se apenas quatro indicadores: migração (cidade/cidade, campo/cidade); demissão e admissão; formas de organização e migração internacional.

Os depoimentos indicam que esses sujeitos vieram de diversas localidades externas e internas ao estado de Goiás, trazendo algo em comum: origem rural, precária alfabetização, e um sonho muito grande de mudar de vida expressada como melhoria na qualidade de vida. Muitos vieram casados, alguns se casaram depois que já estavam na Vila Fabril. Em relato oral o Sr. F.D.A. (2009) nos conta:

[...] primeiro nós morava Inhumas... lá, lá na roça, lá atrás lá, daqui uns 3Km, morei lá 1 ano e pouco, aí mudei aqui pra fabril e entrei no frigorífico, foi mais uns dois anos, né? Aí tendo a safra seca, pára né? Cas que o gado esmagreça, né? Aí pára aí eles pararam a matança, sempre eu ia pros mato, assim tirar lenha, tava desempregado num podia ficar parado, tra vez vinha qui pra cerâmica trabalhava aí.

O depoimento acima se aproxima de vários outros relatos de nossos entrevistados, no qual a migração do campo para cidade e o retorno para seu lugar de origem (campo), quando a indústria entrava em recesso ou fechava, fazia parte do movimento anual dos operários. Além disso, era comum ocorrer troca de emprego do operário entre cerâmica/cerâmica e entre cerâmica/frigorífico, fato que não proporcionava ao operário sua saída da área das indústrias ou da sua residência. A circularidade dos operários nas empresas retrata momentos de crescimento das demandas, portanto de aumento da produção, ou ao contrário, momentos de apatia no processo produtivo. Os depoimentos a seguir espelham essa dinâmica:

Figura 05 – Fotografia M.B. maçando barro para fabricação de tijolos Cerâmica São Vicente 1959.



Fonte: Arquivo da família

[...] Qui trabalhei [GBOI] uns 10 anos, né? Continuou e perguntou à esposa para confirmação? – Aí, fiquei doente de uma doença, aí, fiquei encostado 6 mês, fiquei lá no sanatório, faltou 3 dias pra ficar lá 3 meses. Problema dor de cabeça, senusia, sarei comecei trabalhar na cerâmica, aí ela fechou, cabou, fui pro frigorífico. (V.P.A., 2009)

[...] É, trabalhei mais uns tempo aqui [Cerâmica], depois fui pro frigorífico, trabalhei mais uns tempo aí, parou, aí já era do Bordon e da Swift, aí vim voltei pra cerâmica, mas uma lá do outro lado trabalhei 2 anos, depois voltei pro frigorífico de novo, aí já é do tempo da Swift, Bordon, é mesma firma mas mudou né pra Swift, foi mais também 2 anos, depois aí fechou, vortei pra cerâmica lá, é aí abriu de novo, cas a gente morava aqui nas casa, né? Aí era bom a gente ir, num sair. Ah vou pra lá, aí vim. Depois ele fechou. A Friboi comprou, alugou num sei, uns anos e pouco. Aí parou, aí vortei pra cerâmica, trabalhei uns 7 anos. (F.D.A., 2009)

Outro ponto relevante dos depoimentos afirmava que a vida na colônia não era fácil, especialmente, pela proximidade das casas, pois havia muita briga e desentendimentos. Segunda M. M. esposa do M. B., as mulheres que não queriam confusão passavam o dia com as portas das casas fechadas, antes de sair para o trabalho os homens abasteciam os baldes com água retirada da

cisterna e essas mulheres evitavam assim de sair para a área externa comum. Segundo a depoente havia ainda o problema das bebedeiras. Depois do trabalho a maioria dos homens passava nas vendas e bebiam muito e ao retornarem para casa havia muita briga e confusão.

Outro problema apresentado pelo casal M.M e M.B foi o endividamento pelo sistema de caderneta, pois a maioria dos operários tornava-se refém. Eles pegavam mercadoria básica (arroz, feijão, óleo) na venda e anotavam. No final do mês era hora de fazer o acerto, e o que eles ganhavam na maioria das vezes não dava para quitar a conta, já que os preços praticados pelos donos das vendas eram sempre altos, em função de levar trinta dias para receber. M.B narra que para fugir da caderneta ele e a esposa iam uma vez por mês ao centro da cidade que ficava aproximadamente 6 km de distância a pé, faziam as compras do mês e traziam nas costas para não se endividar.

O espaço urbano do complexo das vilas operárias produzia empregos para seus moradores e tornou-se, evidentemente, *locos* de atração de imigrantes para a cidade de Anápolis durante as décadas de 1940/1970. Mesmo com muita gente chegando, o trabalho nas cerâmicas, olarias e no frigorífico não se restringiam aos adultos. Crianças e mulheres também o executavam. O trabalho infantil que não era considerado ilegal à época, e aceito pela família que já trazia essa experiência do mundo rural, entendia-o como condição indispensável para a própria subsistência do grupo familiar, já que essa prática aumentava a renda familiar.

Outro destaque diz respeito ao trabalho feminino. Ele é relatado no *corpus* das lembranças.

[...] Tomar conta das máquinas, né? Eu tomava conta das máquinas, aí tudo bem... Aí mais tarde eu passei a trabalhar a noite. Trabalhando a noite... Muito cansativo... E mais mesmo assim, a gente vai. Trabalhava uma semana durante dia, outra durante a noite. Aí foi que eu adoeci lá na firma... Trabalhando lá doeci. Então, foi um serviço bastante cansativo, né? Mas foi bom, né? Num tinha outro, fazer o quê, o estudo é pouco. (J.M.S., 2009).

Em alguns relatos, o trabalho extrapola o contexto doméstico e adentra ao mundo das fábricas. Essa inserção da mulher no trabalho extra doméstico em regiões menos urbanizadas não era comum à época, à exceção da vida da mulher no campo, onde as lidas domésticas misturavam com o trabalho masculino no plantio e colheita, no trabalho agropecuário em geral. Os seus momentos de folgas e descanso eram preenchidos com essas atividades. No nascimento das fábricas é histórico o trabalho feminino e infantil por longas jornadas. Hobsbawm (1987) relata a ocorrência de trabalho feminino e infantil nas fábricas da Inglaterra.

Refletindo sobre a realidade do mundo rural em Goiás observa-se o fato das mulheres estarem acostumadas com a lida no campo, pois além do trabalho

Figura 06 – Trabalho infantil em olaria da região oeste da Cidade de Anápolis.



Fonte: Arquivo Museu Histórico de Anápolis "Alderico Borges de Carvalho", s/autor, s/data.

consagrado como “feminino” elas exercem junto com o marido as atividades cotidianas como o plantio e colheita, pecuária, produção de lenha, entre outras. Esse era o cotidiano das mulheres rurais. Quando chega à Vila Fabril essa prática continua, pois além de tomar conta da casa suprem atividades masculinas, quando essa mão-de-obra se escasseava. Os depoimentos revelam um pouco do trabalho da mulher nas cerâmicas:

[...] S. F.C. moradora a 48 anos da Vila Fabril: As cerâmicas traziam varias pessoas para a nossa comunidade, que vinham a procura de material de boa qualidade, pela qual era uma cerâmica modelo na cidade de Anápolis, na qual o dono da cerâmica via muito a parte dos funcionários, era muito amigo ajuda muito as pessoas e, os funcionários eram muito bem tratados, e ele preocupou em construir casas para eles, que são as chamadas colônias para abrigar os funcionários com suas famílias, que antes viam apenas os homens para o trabalho nas cerâmicas, que posteriormente trouxeram as famílias, e algumas mulheres trabalhavam nas cerâmicas [grifo nosso]. Que aí foi crescendo e, posteriormente, uma fazenda foi transformando em uma vila, através da venda dos terrenos.”

[...] M. A. nos contou que começou a trabalhar nas cerâmicas da Vila Fabril desde pequena, quando ficou mais velha, adulta, foi trabalhar no frigorífico.

Em relação ao cotidiano dos moradores/trabalhadores dessas indústrias constam que desempenhavam nelas funções diversas, como: 1) carregar barro nas cerâmicas, com carroça de animal, do quintal da empresa; descarregar caminhão de lenha; 2) operador de máquinas de fazer piso, etc. No frigorífico, na câmara, tirava-se o boi da carretilha, etc. Neste período, os trabalhadores tinham longas jornadas de trabalho, exercendo

Figura 07 - Trabalho infantil em olaria da região oeste da Cidade de Anápolis.



Fonte: Arquivo Museu Histórico de Anápolis "Alderico Borges de Carvalho", s/autor, s/data.

serviços pesados e cansativos (além de 8 horas previstas, trabalhavam, às vezes, mais de 8 ou 9 horas), revezando o tempo de trabalho em noturno e diurno, acordavam de madrugada para trabalhar, de acordo com ex-trabalhador em entrevista.

Diversos depoentes narravam à precariedade das formas de trabalho e os danos ocasionados pelas condições de trabalho. Não eram raros os depoimentos que versam sobre a precariedade da saúde relacionada ao trabalho nas cerâmicas e no frigorífico. Segue o depoimento do Sr.V.S.A.:

[...] Aí lá cabeí com minha saúde [Cerâmica]! Rebentei os tendões do braço! Os dois óia aí ó [Falou mostrando as cicatrizes nos braços] Aqui esse, trabalhei com artrose, angina, diabete, é com isso tudo, dia que trabalhava muito, dia não, que trabalhava todo dia, tinha dia que punha té dois caminhão de lenha, no sol, sozinho e Deus. Serviço pesado mexendo com lenha. Parece que foi assim.. Lenheiro, que mexia com lenha – carroça, lenha de carroça, levava pra boca do forno, tirava da carroça levava. Disse a esposa. – É caminhão descarregava e eu punha lá na boca do forno pra queimar. Aqui trabalhei que ele mandou, muitos anos qui! – Confirmou o Sr. Francisco apontando para o terreno onde existia a *Cerâmica Santa Maria*. – Vitória nós num teve não, nós num teve vitória, vitória nossa é o que vocês tão vendo aí: ele é hoje doente né, com a perna amputada, vitória a gente num teve!

[...] A Friboi comprou, alugou num sei, uns anos e pouco. Aí parou, aí vortei pra cerâmica, trabalhei uns 7 anos. Aí lá cabeí com minha saúde! Rebentei os tendões do braço! Os dois óia aí ó – Falou mostrando as cicatrizes nos braços. – Aqui esse, trabalhei com artrose, angina, diabete, é com isso tudo, dia que trabalhava muito, dia não, que trabalhava todo dia, tinha dia que punha té

dois caminhão de lenha, no sol, sozinho e Deus. Serviço pesado mexendo com lenha. Parece que foi assim... Lenheiro, que mexia com lenha – carroça, lenha de carroça, levava pra boca do forno, tirava da carroça levava. Disse a esposa. – É caminhão descarregava e eu punha lá na boca do forno pra queimar. Aqui trabalhei que ele mandou, muitos anos qui! – Confirmou o Sr. Francisco apontando para o terreno onde existia a *Cerâmica Santa Maria*. – Vitória nós num teve não, nós num teve vitória, vitória nossa é o que vocês tão vendo aí: ele é hoje doente né, com a perna amputada, vitória a gente num teve!

No fim da década de 70, segundo José Luiz, ex-presidente do Sindicato dos Trabalhadores do Frigorífico, os funcionários das indústrias começaram a se organizar, a lutar pela conscientização da categoria, passando, então, a exigir os seus direitos. Até o término dessa década, não há registro de qualquer movimento de paralisação por parte dos trabalhadores, mas fica evidente que os trabalhadores se organizavam, reivindicavam aumento salarial com destaque para a fundação do Sindicato dos trabalhadores. Porém, entre eles haviam controvérsias sobre esse movimento. Nas falas, ora afirmam a ocorrência de organização e reivindicação, ora relatam que encontravam – se satisfeitos com as condições de trabalho.

Para o Sr. João Vaz, que trabalhou no Frigorífico, os funcionários estavam satisfeitos com os salários. José Luiz afirma que ganhavam em média dois salários e meio no frigorífico. Nas cerâmicas eles recebiam por produção. Entretanto, essa não era a visão de todos os trabalhadores:

[...] na década de 1970, no Frigorífico tinha [manifestações], mas na cerâmica não. Respondeu a mulher. – É uma vez eles me chamou, uma turma, tava uns oito. Aí eles falou: vamos lá embaixo pedir aumento! Disse indicando com a mão a direção do frigorífico. – Vamo lá! Continuou ele – Eu falei: vocês vai, depois eu vou que se for nós tudo (aí que pra mim é parte de ignorância, né?). Aí num foi ninguém, aí ficou todo mundo me acusando... Falei: ces é o bam, ces vai, depois eu vou ... Vai de um e um. Ces pede pra voces depois eu deço, vou peço pra mim.

Outros depoimentos demonstram a intervenção direta do patrão nos movimentos organizados pelos trabalhadores

[...] e falou você vai entrar com nós na greve. Mas eu trabalhava peça de fazer piso eu era chefe da seção lá, né? Eu comandava tudo, eu falei: eu e minha turma ninguém num vai não. Aí passou aquela greve, eles mandou três embora, é: o seu Leocárdio, o Havair e o outro eu não me lembro que naquela época foi mandado embora. Aí meu patrão no outro dia: pára a máquina aí e vem

chá! Aí, pois não uai... Aí cheguei lá: porque você não participou dá greve? Num participei que, finalmente estou satisfeito com o meu ordenado, com o meu pagamento, então não é problema de participar dessa greve. E se eu te mandar embora que que acontece? Uai não acontece nada, o Sr. é o meu patrão eu vou obedecer à ordem do senhor. Aí ele disse: tal dia você está convidado a ir lá na audiência a ir contra o Leocárdio o Havair e o outro fulano. Aí eu falei para ele: e se eu falar para o senhor que eu num vou. Eu te mando embora. Aí fica melhor. Que ao invés... o senhor me manda embora, eu tenho meus acertos, meus direitos, eu vou ter você o senhor a favor dos dois, dos três colegas meu lá e vou levar mais testemunhas inda, que o senhor tá me obrigando a ai depor contra [...] V.P.A.

O depoimento de J. L. relata sobre a organização e participação dos trabalhadores das indústrias da Vila Fabril no Sindicato. O Sindicato agregava trabalhadores de outras indústrias existentes na cidade de Anápolis

[...] eu fui, eu tive num período de uns 4 anos como diretor de sindicato. E, e, nós começamos desenvolver isso aí. Então, criou a associação, depois era 2 mil e poucos funcionários, é inscritos. Envolvia (funcionários) da Boa Sorte, Frigorífico, Cebrasa e algumas máquinas de arroz. Então, não existia greve, a gente foi começando organizando o pessoal pra se conscientizar dos direitos deles, né? E, trabalhar em prol de melhorar o salário e também a produção, não é? Nós tinha agir a CIPA que organizava pra evitar acidente que na época existia muito acidente cortes essas coisas. [...] A, nos conseguimos através de sindicato: prêmio de produção, hora extra dobrada no domingo, nos feriados, né? Conseguimos prêmios que era cinco por cento, era prêmio de produção né? Era cinco por cento, é cinco centavo (R\$ 0,05) por cabeça de cada abatida. Eu sei que na época, acho que salário era cento e vinte cruzeiros (Cr\$ 120, 00) e a gente tirava. Conseguimos salubridade que era 40%, a gente pegava uma média de 2 salários e meio e tal com esse né? Graças a Deus a gente conseguiu.

No tocante ao cotidiano da vida que move as pessoas no dia a dia, nas dimensões do lar, da religião, do lazer, entre outras, as informações são relevantes. No mapa da memória dos habitantes, no projeto de loteamento da Vila havia três (3) ruas que atravessavam e seis (6) ruas que desciam. A rua de baixo do setor que era logo acima da cerâmica São Vicente passou a ser chamada de Rua Cerâmica. As ruas, na época, eram cheias de buracos, sem asfalto e com pouca estrutura para os moradores. As casas eram simples com pouca arquitetura, de alvenaria e em sua maioria os operários, com o passar do tempo tinham que aumentá-las para abrigar com mais conforto a sua família. Os pequenos armazéns foram sendo construídos para atender a

necessidade dos moradores. A fé de cada um os levou a construir a pequena igreja católica, que ainda existe no bairro.

No período 1950-1970, a infraestrutura da vila era precária, pois as ruas não eram asfaltadas não havia esgoto, posto de saúde, água tratada, com pouco espaço para o lazer. Além das poucas casas, havia uma igreja pequena (cujo lote foi doado por Vicente Carrijo de Mendonça) o Clube do Mago, escola e poucos comércios.

O entrevistado J. L., que chegou em 1951, relata que, além das indústrias, havia apenas 14 casas, muito mato e pouca estrutura educacional, sendo uma pequena escola com quatro salas. O setor era cercado por indústrias de cerâmicas e pelo frigorífico. As casas do conjunto Friboi e da Colônia das Cerâmicas eram habitadas pelos trabalhadores das indústrias, cuja construção era padronizada. Essas casas tinham áreas de 38m². O Sr F. D. relata como era a Vila Fabril quando ele chegou:

[...] Ah, que eu acho bom aqui é a vizinhança, tudo boa né? Esposa: tem umas comunidade boas né? Quando a gente mudou pra cá, isso aqui era tudo, todo ruim de chão, né? Não tinha asfalto, né? Agora, graças a Deus já é uma Vila asfaltada, uma Vila limpa. – Água encanada. Interrompeu o marido. Muita coisa já tem, mas tá precisando de muita coisa. Uma coisa aqui que não tem: é de asfaltar daqui lá no asfalto, né? Que é o caminho nosso (apontou a direção) que não tem esse asfalto. Interrompeu o marido: É, com essa cadeira aí é difícil (mostrou sua cadeira de roda) uma buraqueira. – Então fica prejudicando nós, não temo como! Pra lá pra Fabril tudo é ótimo (a casa deles é na antiga colônia da cerâmica, paralelo à Vila) Gente asfalto, gente tem supermercado, gente tem farmácia, a Fabril é um lugar ótimo pra gente morar. Um lugar bem sossegado. Concluiu ela.

[...] Foi que teve as derrotas, mas teve as vitórias também, né? As derrotas sempre vem, né? Mesmo que a gente não espera, vez em quando aparece. Disse ele. – Aqui é tão bom que a gente nem pensa em sair daqui. Disse ela. Continuou Sr. Francisco: que eu mesmo sabia que quando a gente ficava velho, perdesse as forças, a gente ficava doente, né? É fim de toda pessoa, mas isso aqui pra mim foi um choque (falou segurando a perna amputada com desdém) isso nunca esperava acontecer. É problema... Acontece, né? Problema da vida!

As falas ilustram a realidade do trabalho coletivo dos moradores da Vila Fabril a construção conjunta da Sede do Clube do Mago (time de futebol da vila), a qual foi erguida por ação dos trabalhadores e do proprietário do frigorífico. Relatam também o lazer cotidiano a que tinham direito. Neste local, nas noites organizavam-se atrações diversas para os moradores da Vila (comemorações, festas, instalação de televisão). Segundo o morador M. M. do N. a sede foi construída em 1963, e os encontros eram muito bons.

Mas, também, ocorriam festas relacionadas aos calendários festivos da igreja. Os relatos falam dos bailes e pagodes, e das festas de casamentos e do Clube do Mago.

[...] foi mais uma coisa social, de eu num me lembro o nome dele, de um diretor que nós tivemos aqui, porque aqui nós tinha o Clube do Mago, um time de futebol que foi várias vezes campeão, né? E muitas vezes, quando jogava fazia um jogo no municipalzinho, subia aqui 3, 4, 5 até 10 carreta leva o pessoal. Foi uma época boa, realmente tinha um clube. Infelizmente, eles deixaram acabar, né? Então eles foram uma sociedade entre os trabalhador da época. (J.L.)

Outro fato importante na composição do perfil e da dinâmica dos moradores da Vila, após 1970 quando ocorre o arrefecimento da dinâmica produtiva nas indústrias da Vila Fabril foi à considerável migração da segunda e terceira geração de moradores, de familiares da Vila para Irlanda. O processo migratório é explicado pela falta de alternativas de trabalho e estudo para os jovens, pois com a criação do DAIA há um esvaziamento das fábricas da Vila. Em vários depoimentos foram acenados que pais, filhos, netos, sobrinhos, amigos, todos moradores do local, fizeram a migração internacional para Irlanda. Destaca-se que o bairro na Irlanda, onde residem esses moradores recebeu o nome de Vila fabril, conforme depoimento de M.A. (2009). Em outro depoimento o Sr. F.R.V., e sua esposa nos contam:

Minha família tá toda lá, tenho lá dois filhos, tem um genro, uma neta, tem nora, sobrinho. Respondeu a esposa. – Duas noras, cunhado, sobrinho e uma neta. Disse Sr. Francisco. – Meus filhos ta tudo pra lá, porque fechou as indústrias, foi pra lá, aí tem aquele negócio de estudo. Os filhos da gente não teve estudo. A gente nunca teve oportunidade de dar estudo pra eles. Aí fechou tudo aqui, num pode ficar aqui, teve que ir embora pra lá, lá num precisa você estudar pra trabalhar, Hoje já tem 8, 10 anos que meus filhos ta tudo pra lá.

A partir dos anos de 1970 iniciou o processo de fechamento de várias indústrias, olarias, cerâmicas, e frigorífico. Para historiadores da cidade de Anápolis, as fabricas ali localizadas perderam sua função econômica, pois a consolidação das cidades de Goiânia e Brasília como cidades pólos do Estado, ao concentrarem em sua rede urbana não apenas indústrias voltadas para a área de revestimento e bacias para banheiros, mas também lojas âncoras voltadas para essa modalidade de comércio, interferiram negativamente no espaço industrial da Vila Fabril. Além disso, o Distrito Agro-Industrial de Anápolis já era uma realidade e, evidentemente, proporcionou, para alguns dos operários, oportunidades de emprego, visto deterem mão-de-obra especializada.

4 - Considerações finais

A leitura das memórias coletivas e das imagens desse espaço urbano de Anápolis permite estabelecer mediações com as vilas operárias e fabris que formataram espaços urbanos nas origens do empreendimento industrial, constituindo ícones históricos em cidades brasileiras e europeias, conforme apresentados pelos autores já citados neste estudo. Os modelos históricos apresentados contêm dimensões e representações que permitem conceituá-las como Vilas Operárias. Ao mesmo tempo as particularidades regionais e locais são portadoras de tonalidades que lhes conferem particularidades do momento histórico na formação urbana das cidades. Pensar estas formas de ocupação do espaço que é ao mesmo tempo habitação e lócus de trabalho, num tempero de espaço privado do trabalho e da vida, do controle do trabalho e da experiência política, do lazer, da formação da cultura urbana, e de esquemas societários, e, portanto, da vida, são de suma relevância para compreendermos espaços contemporâneos das cidades.

Em termos de considerações finais, hoje a Vila Operária Fabril, enquanto bairro da cidade de Anápolis, conta com assistência dos serviços públicos de água tratada, energia, pavimentação da maioria das ruas, rede de esgoto, escola com ensino fundamental e médio, posto de saúde; dispondo ainda, de produtos de necessida-

des básicas: farmácia e mercado. Possui diversas igrejas evangélicas e uma capela da igreja católica.

J. L. que foi presidente do Sindicato e também da Associação dos Moradores da Vila, relata que o cotidiano da Vila Operária Fabril foi marcado por lutas e formas de organizações dos trabalhadores no mundo do trabalho e da vida. As conquistas demoraram a chegar, seguindo um exemplo típico das vivências nas periferias brasileiras.

Muitos, dos antigos trabalhadores, ainda moram na Vila, e quando perguntados sobre qual a avaliação que fazem do lugar (Tuan, 1983), em sua maioria falam positivamente, referindo-se às melhorias obtidas com o passar dos anos. Gostam do tipo de solidariedade, e de estarem em comunidade e, ainda, juntos com alguns dos antigos moradores.

Ao se trabalhar com memória estamos caracterizando um tempo e um espaço. O período de trinta anos, de 1950 a 1970, foi pensado por acreditar-se que diversas são as transformações ocorridas que configuram novas paisagens em processos de bricolagem urbanas, na qual a nova e as velhas paisagens são mantidas como refratário da memória de uma sociedade. Trata-se aqui de uma sociedade que se organizou em um espaço urbano, espaço da vida, sujeito, portanto, a constantes interações e alterações materiais e simbólicos, marcadas pelas dimensões econômicas, políticas, sociais e/ou culturais.

Referências

- ARANTES, Antonio. *Paisagens Paulistas: transformações do espaço público*. Campinas/SP Editora UNICAMP. São Paulo: Imprensa Oficial, 2000.
- BARDIN, L. *Análise de Conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 1977.
- BERNARDES, Genilda D. TAVARES, Giovana G. *MEMÓRIA E LUGAR: estudo da memória urbana da Vila Fabril/Anápolis/GO (1950 – 1970)*. Projeto de pesquisa financiado pela FUNADESP/UNIEVANGÉLICA, 2008 (mimeo).
- BLAY, Eva Alterman. *Eu não tenho onde morar – vilas operárias na cidade de São Paulo*. São Paulo: Nobel, 1985.
- BOSI, Ecléia. *Memória e Sociedade – lembranças de velhos*. São Paulo Companhia das Letras, 1994.
- CARPINTEIRO, Marisa.V.T. *Imagens do conforto; a casa operária nas primeiras décadas do século XX em São Paulo*. In: BRESCIANI, Stella. *Imagens da cidade – séculos XIX e XX*. São Paulo: Marco Zero, 1994, p. 123-146.
- CHIAROTTI, Tiziano M. *Museu Histórico: breve contextualização e função social*. Caderno de Pesquisas. Ano 01, n. 01, Dez/2009, p. 09-14.
- CIAVATTA, Maria *O mundo do trabalho em imagens – a fotografia como fonte histórica (Rio de Janeiro, 1900-1930)*. Rio de Janeiro: DP&A editora, 2002.
- FABRIS, Annateresa. *Fragmentos Urbanos – representações culturais*. São Paulo: Nobel, 2000.
- FREITAS, R.A. *Anápolis: passado e Presente*. Anápolis: voga, 1995.
- GINSBURG, Carlo. *Mitos, emblemas e sinais: morfologia e história*. São Paulo; Companhia das letras, 1989.
- HALBWACH, Maurice. *Memória Coletiva*. São Paulo Editora, 2004.
- HELLER, Agnes. *O Cotidiano e a história*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.
- HOBSBAWN, Eric J. *Mundos do Trabalho*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- HUYSEN, Andreas. *Culturas do passado-presente: modernismos, arte visuais, políticas da memória*. Rio de Janeiro: Contraponto – Museu de Arte Do Rio, 2014.
- LAVILLE, Christian & DIONNE, Jean. *A construção do saber – manual de metodologia da pesquisa em Ciências Humanas*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999.
- LOBO, Lúcia L. BRANDÃO, Ana M. de L. LISSOVSKY, Maurício. *A fotografia como fonte histórica – a experiência do Cpdoc. Acervo – Revista do Arquivo Nacional*, v. 02 n. 1 jan/jun, 1987, p. 39-52.
- LYNCH, Kevin. *A Imagem da Cidade*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- MAGALHÃES, C. M. *A paisagem fabril-têxtil no município de Itabira: uma experiência industrial no espaço rural*. In:

Campo e cidade na modernidade brasileira. Belo Horizonte: Argumentum, 2008.

MINAYO, M.C.S. *Pesquisa social: Teoria, método e criatividade*. 19 ed. Petrópolis: Vozes, 2001

POLLAK, Michel. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, Vol 05, nº 10, 1992; 200-2012.

POLONIAL J. Ensaio sobre a História de Anápolis. Goiânia: Kelps, 2000.

POLONIAL J. Introdução à História Política de Anápolis – 1819 – 2007. Goiânia: Kelps, 2007.

RANCIÈRE, Jacques. *A noite dos proletários* – arquivo do sonho operário. SP: Cia das letras, 1988.

RIBEIRO, Suzana B. *1920- 1930 Italianos do Brás* – imagens e memórias. São Paulo: editora brasiliense, 1994.

RICCOEUR, Paul. A memória, a história, o esquecimento. Campinas/S.P.: Editora da Unicamp, 2007.

ROSSI, A. Z. O quintal da fábrica: um estudo de caso. In: *As imagens da cidade – séculos XIX e XX*. São Paulo: Marco

Zero, 1994.

SANTOS, M. O. As vilas operárias “ensinaram” a morar e a conviver: o caso da Vila operária da Boa Viagem na cidade de Salvador. In: *Campo e cidade na modernidade brasileira*. Belo Horizonte: Argumentum, 2008.

SEGAWA, Hugo. *Ao Amor do Público* – jardins no Brasil. São Paulo: Studio Nobel, 1996.

TAVARES, G. G. MORAES, Z. C. de *A (re) contando a história através da oralidade* – um estudo da vila operária fabril – Anápolis/GO (1950 -1980). Educação e Mudança, jan/jun, 2005, p. 62- 68.

THOMPSON, E.P. *Tradicón, revuelta y consciencia de clase*. Estudios sobre la crisis de la sociedad preindustrial. Barcelona; Editora Critica, 1979.

THOMPSON, Paul. *A voz do passado* – história oral. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1992.

TUAN, Yi-fu. *Espaço e Lugar*. São Paulo: Difel, 1983

Abstract

This study focuses on the experiences of the manufacturing villages in Brazil, and the reconstruction of history of the Manufacturing Vila (Vila Fabril) in Anápolis, state of Goiás, from the 1950s to the 1970s. This study aims to present evidence of the history of industrialization in Brazil, focusing on the industrial experiences and daily lives of the industrial operators in Anápolis. This history leads us to regional experiences of the Brazilian outbreak of industrialization, organization of syndicates, urbanization and industrialization processes in the interior of the country. In Anápolis, the Manufacturing Vila initiates with the Goiás Slaughter House, recipient to ceramic factories and brick kilns, and meat supply (dried meat), of which met the needs of civil construction in Goiânia and Federal District (Brasília) during the 1950s and 1960. This study also investigates the economic decline and public politics that were brought from the creation of the Agricultural Industrial District of Anápolis (DAIA, Agro-Industrial de Anápolis). The study utilizes photographic and oral reports among other document bases as its main investigative source. The images and memorialists records were seen as carriers of meanings and symbolism, motivators to design and reconstruct the memory of the area and register its landscapes.

Key words: Memory, Daily Life, Area, Manufacturing Vila, Industrialization.

Resumen

El estudio fija su atención en las experiencias de los barrios obreros de Brasil, y en la reconstrucción de la historia del Barrio Obrero de Anápolis/Goiás, en las décadas de 1950 a 1970. Reconstruye la historia de la industrialización en Brasil recomponiendo, en los días actuales, por medio de fotografías y relatos orales las experiencias industriales del Barrio Obrero, reflexionando sobre las relaciones en el trabajo, y sobre lo cotidiano de aquellos que habitaban el barrio. Esa historia nos hace pensar tanto en las experiencias regionales como en las de todo Brasil, en el ámbito de la eclosión de la industrialización, de la organización sindical, y del proceso de urbanización e industrialización del interior del país. En Anápolis, el Barrio Obrero se origina con el Frigorífico Goiás (posteriormente, Bordon y de la SWIFT, y Friboi), receptor de las fábricas de cerámicas y fábricas de ladrillos de arcilla, y suministro de carne (charque o charqui), que entre 1950 y 1960 atendían a las necesidades de la construcción civil en Goiânia (capital de Goiás) y Distrito Federal (capital de Brasil). Investiga, también, su declive económico y las políticas públicas que proporcionaron la creación del Conglomerado Agroindustrial de Anápolis (DAIA). Imágenes y relatos fueron entendidos como portadores de significados y de simbolismo, motivadores para estructurar y reconstruir la memoria del lugar y registrar sus paisajes.

Palabras clave: Memoria, cotidiano, lugar, Barrio Obrero, industrialización.